



Aspectos da afasia multilíngue

Aspects of multilingual aphasia

Los aspectos del afasia multilíngue

*Sabrine Amaral***

Gitterman MR, Goral M, Obler LK. Aspects of multilingual aphasia. 1ª ed. USA: Multilingual Matters; 2012.

O livro *Aspects of multilingual aphasia* é uma obra importante para aqueles que estudam multilinguismo em populações clínicas, como nos afásicos. Seus idealizadores são pesquisadores multidisciplinares renomados nas áreas de fonoaudiologia, linguística e neurociência nos Estados Unidos. Os 18 capítulos apresentam uma visão global sobre o assunto e trazem os últimos achados das pesquisas experimentais, incluindo investigações com as inovadoras técnicas de neuroimagem. O livro é dividido em cinco seções: considerações amplas sobre o assunto; avaliação e tratamento

das afasias multilíngues; fenômeno linguístico bilíngue; combinação linguística; e contexto cultural, respectivamente. Ao longo das mais de 300 páginas, o livro contribui com um conhecimento único acerca dos distúrbios de comunicação em multilíngues, visto que ambas as populações – afásicos e multilíngues – crescem a cada ano, e é preciso providenciar informações relevantes e consistentes para prover melhores condições para os acometidos dos distúrbios.

Ao apresentar amplas considerações sobre os estudos com afasia multilíngue, os autores con-

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) - Porto Alegre-RS - Brasil*

Conflito de interesses: Não

Endereço para correspondência: Sabrine Amaral.

E-mail: sabrineam@outlook.com

Trabalho realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP - São Paulo (SP), Brasil.

Recebido: 25/09/2015; **Aprovado:** 01/12/2015



textualizam os estudos em afasia questionando sobre o que tem sido feito ao longo dos anos de pesquisas. Umhas respondidas, outras não. De uma forma abrangente, ainda é feito, na parte 1, uma correlação bastante enriquecedora entre diferentes áreas, como organização da linguagem do cérebro, troca de línguas, padrões de recuperação, avaliação e tratamento. Algumas das questões ressaltadas foram: qual língua retorna primeiro? Era a mais usada pelo indivíduo? Um aumento na ativação cerebral pode ser visto pós-terapia? Multilíngues têm um maior envolvimento do hemisfério direito na linguagem do que os monolíngues? Ainda, se considera como a língua é representada no cérebro dos multilíngues, e tudo o que deve ser levado em conta para que esse processamento ocorra, como, por exemplo, idade de aquisição e uso da língua. Os autores destacam que lesões nas regiões corticais perissilvianas, gânglio basal esquerdo, cerebelo e hipocampo podem afetar memória, prejudicando, dessa forma, a linguagem do indivíduo. Essas regiões são importantes para o tratamento da afasia, e evidenciam que o que os autores postulam está em consonância com os achados da área¹. Também é hipotetizado como se dá a recuperação dessas línguas após lesão, ou seja, 40% dos bilíngues recuperam-se paralelamente, 32% recuperam melhor sua primeira língua – L1, e 28% sua segunda língua – L2. Todavia, poucos detalhes são apresentados sobre quais dados subsidiaram a estatística apresentada. Além disso, falta, no início da obra, uma definição de afasia, bem como de multilinguismo. Pode-se afirmar que a melhor definição de bilíngue é o sujeito que usa duas ou mais línguas no seu cotidiano². Um bilíngue não é necessariamente uma junção de dois monolíngues equilibradamente, isto é, um indivíduo com a competência nativa em duas línguas, mas o bilíngue de um tipo específico que, tal qual outros de outros tipos, pode ser classificado ao longo de um continuum, cujas extremidades vão do mais monolíngue ao mais bilíngue. Para afasia, uma possível definição é que ela é uma desordem linguística relativamente comum, ocorrendo em aproximadamente 25% de todos os casos de AVC³. A afasia impede a comunicação, impõe restrições nos contextos familiar e social e constitui uma barreira considerável para a reabilitação profissional. No nível linguístico, a afasia é considerada um prejuízo dos componentes do sistema linguístico (semântico, sintático, fonológico, morfológico).

A segunda parte do livro, sobre avaliação e tratamento, inclui considerações sobre o acesso morfológico, manuseio clínico da anomia e da generalização em afasia. É destacado que há uma consciência de que é preciso avaliar os pacientes, considerando variáveis que influenciam na recuperação e tratamento destes, como: proficiência antes do acidente vascular encefálico, equilíbrio da proficiência nas línguas, idade de aquisição, histórico educacional e profissional prévio, estrutura fonológica de cada língua, natureza do tipo de afasia, severidade do dano, lugar e tamanho da lesão. Os autores também ressaltam que muitos dos diagnósticos de afasia ainda são baseados em tentativa e erro, não em pesquisa. Por isso, é apresentado o projeto de avaliação morfológica (MAP – morphological assessment project). O MAP é uma plataforma que serve para entender o multilinguismo, o déficit de linguagem na afasia e a maneira como as representações e processos interagem no nexus linguístico. Em se tratando de anomia, os autores argumentam que os modelos devem dar conta da seleção da linguagem – no caso da afasia bilíngue – em que o controle executivo tem um papel crucial. Também é levantada uma série de testes para o acesso lexical em afasia multilíngue. São comentados os seguintes testes: Boston Naming test, Spanish Naming test, Picture pool for oral naming, dentre outros. Entretanto, não são detalhadas as limitações de testes como o Boston Naming test, em que a performance é restrita pelas imagens apresentadas, fazendo com que algumas estratégias de categorização não sejam utilizadas. O instrumento não dá conta da avaliação dos afásicos, apenas examina o número correto de palavras, o que não é suficiente, sem contar com o fato de a frequência das palavras não ser controlada⁴. Com exceção do Spanish Naming Test - SNT, poucos testes descritos no livro consideram o fator instrução/educação como influência na performance dos afásicos, embora a escolarização dos indivíduos tenha papel essencial ao longo dos capítulos. Dessa forma, nota-se uma necessidade de baterias de testes que complementem os já existentes e que contemplem a variável escolaridade, bem como outras limitações⁴.

No terceiro capítulo, uma série de fatores que envolvem o fenômeno bilíngue é tratada: troca de códigos, representação das línguas, controle executivo, categorias gramaticais, emoção e memória. Os autores ressaltam que o processo de troca e mistura

de códigos ainda é alvo de polêmica. Uma série de modelos como o Modelo de Controle Inibitório de Green⁵, Hipótese do limiar de ativação de Paradis⁶ e os dados obtidos por meio de neuroimagem como na proposta do modelo declarativo/procedural de Ullman⁷ tentam explicar como o processo de code switching ocorre nos bilíngues. No tratamento de afásicos bilíngues, a proficiência parece ser mais determinante para a recuperação do que a idade de aquisição da língua. Também afirmam que o mecanismo de controle para a linguagem não é diferente do processo de qualquer outra tarefa cognitiva. Contudo, os autores não adentram as definições de controle inibitório e de funções executivas – FE – com propriedade. Apesar de ser um tópico de definições muitas vezes divergentes, as FE – incluindo o controle – não podem ser definidas superficialmente. Ainda mais quando se pressupõe que seja no controle que haja a principal diferença entre os bilíngues e monolíngues. O controle inibitório e a atenção se desenvolvem mais rapidamente em crianças bilíngues⁸, e constitui, portanto, fator de devesas importância para a pesquisa em afasia multilíngue. No indivíduo bilíngue, a representação neural das duas línguas se confunde, uma vez que são processos dinâmicos, envolvendo processos corticais e subcorticais, os quais utilizam a inibição para solucionar o problema de competição lexical entre as duas línguas⁹. Como as regiões corticais controlam determinadas funções, eles podem restringir mudanças de controle. Os autores acreditam que há uma equivalência entre os mecanismos usados para controlar a língua e léxico e a seleção de ações frente a aspectos que competem.

A quarta seção trata de combinações linguísticas, trazendo estudos detalhados de pesquisas envolvendo francês, pesquisa com jargão não inteligível, cantonês com a produção numérica, bem como o inglês vernacular afro-americano, digno de atenção visto que é um estudo de caso único. Um fator importante é que pesquisas com línguas não standard, como é o caso do afamado “black English”, são raras, ao passo que aquelas relacionadas ao inglês-espanhol tratam de um montante de 11 milhões – 46% dos hispânicos adultos dos Estados Unidos. Os pesquisadores salientam que os profissionais que lidam com os déficits de linguagem devem levar em consideração as pesquisas com os contextos sociolinguísticos para facilitar a avaliação de diversos níveis inter e intralinguísticos. Do mesmo modo que se considera o contexto, é importante desenvolver investigações

que tratem de outras línguas, línguas das minorias, línguas de herança (ou de imigração). Em especial do português brasileiro, nenhum artigo tratou. Por mais que o Brasil seja um país em que há uma língua oficial, deve-se ter em mente que são mais de 170 línguas indígenas faladas – nem que seja por poucos habitantes – e que se tem no Brasil dezenas de casos de comunidades bilíngues descendentes de alemães, italianos, japoneses, ucranianos, poloneses. Portanto, torna-se importante a pesquisa com os indivíduos dessas comunidades, uma vez que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, o acidente vascular encefálico – AVE – principal causador de distúrbios de linguagem, é a segunda causa de morte em adultos no país. Um fato interessante dessas comunidades bilíngues brasileiras é que muitos dos seus participantes são proficientes em produção e compreensão de ambas as línguas, no entanto, possuem as habilidades de leitura e escrita somente na L2.

A última seção apresenta uma visão sobre os árabes nos Estados Unidos e o impacto da cultura no tratamento dos indivíduos acometidos por afasia. Tal caso é interessante, uma vez que os autores ressaltam a proporção das consequências dos atentados de 11 de setembro para o acesso destas pessoas a tratamentos das afasias. Os árabes-americanos têm sido constantemente associados ao terrorismo no imaginário público, e, por isso, eles têm se colocado isolados e estereotipados, sendo relutantes em acessar e aceitar serviços de saúde. Além disso, os autores colocam a importância da instrução para a melhor execução das tarefas; por exemplo, os árabe-americanos tem baixíssimo grau de proficiência em L2, sendo que isso varia entre homens e mulheres. Em especial no caso das mulheres, além da baixa proficiência, ocorre o analfabetismo em alguns casos. Essa realidade impede que algumas baterias utilizadas para avaliação e tratamento sejam feitas com essas pessoas, como o Boston Naming Test.

Finalizando, trata-se de um livro que contribui para os estudos em diversas áreas como Fonoaudiologia, Linguística, Neurologia. Há que se considerar que nem todas as variáveis envolvidas no processamento linguístico bilíngue e nas afasias foram contempladas, todavia, a obra apresenta um aparato teórico consistente com os achados mais atuais da área e traz, pelo menos brevemente, comentários de pesquisas, com destaque para as baterias organizadas por estudiosos importantes da área. Pode-se dizer que uma das principais, senão a

principal, contribuições foi somar uma publicação na área reforçando que o mundo acadêmico ainda precisa desenvolver mais pesquisas mostrando estratégias de tratamento e de recuperação das afasias multilíngues. Dessa forma, espera-se que esta obra sirva de inspiração para que pesquisadores brasileiros possam disponibilizar seus achados nessa área, ainda carente de produção científica.

Referências Bibliográficas

1. Fabbro F. The bilingual brain: cerebral representation of languages. *Brain Lang.* 2000Nov; 79(2): 211-22.
2. Grosjean F. Individual bilingualism: The encyclopedia of language and linguistics. Oxford: Pergamon Press, 1994.
3. Springer L. Therapeutic approaches in aphasia rehabilitation. In: Stemmer B, Whitaker HA et al. *Handbook of neuroscience of language*. 1ª ed. San Diego: Elsevier Academic Press; 2008. 397- 406.
4. Kiram S, Balachandran I, Lucas J. The Nature of lexical-semantic access in bilingual aphasia. *Behav Neurol.* 2014.
5. Green DW. Control activation and resource: a framework and a model for the control of speech in bilinguals. *Brain Lang.* 1986; (27): 210-23.
6. Paradis MA. *Neurolinguistic theory of bilingualism*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.
7. Ullman MA. Neurocognitive perspective on language: The declarative/procedural model. *Nat Rev Neurosci.* 2001; (2):717-26.
8. Bialystok E. *Bilingualism in development: Language, literacy, and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2001.
9. Abutalebi J, Green D. Bilingual language production: The neurocognition of language representation and control. *J Neurolinguistics.* 2007; (20): 242–75.